

CAPÍTULO XIII – O ISOLAMENTO OU A SOLIDÃO, ÀS VEZES, É O MELHOR PARA O CRESCIMENTO MAIS RICO E VERDADEIRO DA ALMA

No desabrochar de uma alma, assim como na criação de um Mundo, existem silêncios profundos — períodos de aparente repouso — nos quais a Mente Divina se agita, prepara e vivifica. Forças elétricas são sentidas, despertando movimentos vitais. Tempestades e calmarias se alternam; convulsões vulcânicas, perturbações tempestuosas, silêncios profundos onde ardem fogos interiores — e eis que um Planeta, ou uma alma, se desenvolve! A vida de Marozia tornou-se, então, uma rotina monótona — uma condição muito mais penosa para uma alma brilhante e ávida do que o fragor da batalha. As coisas haviam se acalmado — como sempre acontece após uma perturbação ciclônica — numa quietude repleta dos escombros de memórias dolorosas. Mais uma vez, seu horizonte se estreitou. Ela se viu confinada, não apenas pelas colinas sufocantes, mas por barreiras que nem mesmo sua coragem indomável conseguia transpor. O inverno foi repleto de dificuldades, privações e provações mesquinhas. Devido à saúde debilitada, Ralph Remington ainda não conseguira concluir seu livro. Parecia consumido por uma dor oculta, diante da qual sorria enquanto trabalhava com paciência silenciosa. Tornava-se cada vez mais difícil concentrar a Mente na escrita. Inúmeras preocupações o distraíam, e o ruído das tarefas domésticas feria dolorosamente seus ouvidos sensíveis. Já não desfrutava do isolamento refinado próprio de um erudito. Tudo ali era sórdido, vulgar, mesquinho, repugnante. Seus ideais eram levados ao limite para manterem uma relação verdadeira com aquelas realidades angustiantes. Contudo, a angústia que sentia diante daquela situação penosa era pelos outros. Sentia-se, de certa forma, culpado pela condição em que se encontravam, e isso agravava a miséria paralisante que, por vezes, o deixava inerte. A Sra. Remington

pensava da mesma forma e jamais cessava suas recriminações. Parecia que ela sentia um prazer especial em provocar todo o ruído e a confusão possíveis enquanto realizava suas simples tarefas domésticas. Aos olhos dela, o gênio na pobreza reduzia-se a proporções liliputianas. Não valia a pena possuí-lo, pois representava um obstáculo para tantas coisas. A menos que pudesse ostentar uma coroa num *hall da fama* e cobri-la de ouro, aquele dom não passava de uma infelicidade.

A Sra. Remington era, de fato, muito infeliz. Ninguém é mais miserável do que uma mulher ambiciosa e mundana diante da adversidade. Ela não possui recursos interiores, e a solidão lhe é penosa. Sua vaidade não tem do que se alimentar; por isso, ela se volta contra aqueles ao seu redor com suas exigências incessantes. Ela não reconhece direitos nem privilégios alheios no que diz respeito ao sofrimento. Ela detém o monopólio do infortúnio e da miséria. Se os outros sofrem, a culpa é deles mesmos; eles atraem isso para si. Se ela sofre, a culpa é dos outros. Assim, o pequeno círculo de seus pensamentos mórbidos gira sem parar — e aí dos infelizes que são apanhados nesse turbilhão!

— Pronto, faz-me bem ver você sorrir assim novamente! — A Sra. Morton passou o braço pela cintura de Marozia e conduziu-a a uma cadeira diante da lareira acesa, no escritório do Reitor. — Você está trabalhando demais, minha querida... e se preocupando também!

— Não. — Marozia respondeu com um sorriso de protesto. — Mas...

— Sim, eu sei: você está pensando nos destinos entrelaçados, nas disparidades, nas desigualdades, na maneira absolutamente inversa como as coisas se desenrolam... e, no ano passado, você teria se revoltado contra o destino. Mas agora...

— Agora... esta noite, querida Sra. Morton, sinto vontade de fazer a mesma coisa. Sim, sinto vontade de me revoltar contra o destino. Há algumas semanas, achei ter visto uma solução satisfatória para os problemas da vida.

O rosto da Sra. Morton iluminou-se de repente.

Seus olhos ganharam profundidade, e ela parecia contemplar dois mundos. — Você está cansada esta noite, querida, e precisa descansar.

— Sim, estou cansada de tudo isso, mas não por mim. É pelo meu pai que sofro! Se ele pudesse ter o sucesso e a felicidade que merece, eu suportaria qualquer coisa! É tudo tão terrivelmente opressivo. Às vezes me sinto paralisada e me belisco para ver se estou mesmo viva. E se eu me sinto assim, o que deve sentir o meu pobre e querido pai?

— Por que usar o primeiro adjetivo, querida? Homens como o seu pai não são pobres!

— Eu sei, mas pense no que ele perde na vida! Não em coisas materiais, mas no que elas representam em valores mentais e espirituais — e na felicidade do coração.

— Entendo. A voz era muito baixa e vibrante, e os olhos brilharam com ternura. No entanto, você sabe que o Ego permanece intocado pelo desastre, imaculado pelo *tribulum*¹. A alma precisava dessa experiência específica — pois não há acaso na ordem divina do universo. Você sabe que ela deve passar por todas as fases e adquirir todos os poderes antes de poder servir como o veículo perfeito para o Espírito. Você está passando por uma fase, seu pai por

¹ N.T.: (ou tribula) era um antigo instrumento agrícola de debulha, feito de uma pesada plataforma de madeira cravada com pedras afiadas ou dentes de ferro na parte inferior. Ele era puxado por animais por cima das espigas de cereais (como o trigo) espalhadas no chão para separar os grãos úteis da palha impréstável.

outra, mas no fim tudo se equilibrará. Após um breve silêncio, ela acrescentou:

— Você se lembra da compensação da qual falamos no verão passado — aquela que brota da consciência interior de poderes nobres e dons divinos?

— Sim, eu me lembro, mas sou inconsistente, pois o amo muito. Reconheço o valor da tristeza para a alma, mas gostaria que essa tristeza fosse negada a ele. Conheço sua alma grandiosa e elevada e gostaria que outros também a conhecessem — mesmo correndo o risco de uma bela teoria. Um belo brilho iluminou seus olhos — a chama ardente de um amor puro e altruísta — um amor que é sagrado. A Sra. Morton viu seu reflexo em seus próprios olhos. Ela falou com doce sinceridade:

— A notoriedade não é desejável, Marozia, para um Espírito tão grandioso e nobre como o do seu pai. Muitos entre os plebeus adquirem uma certa fama barata, que tem apenas valor comercial!

— Sim, eu sei. Papai não gostaria disso — na verdade, ele não gosta de nenhum reconhecimento. Sou eu quem quer que ele seja conhecido e apreciado — porque eu sei o que ele é — e eu o amo muito!

— Eu entendo, querida. A mão da Sra. Morton repousou suavemente sobre a de Marozia. De repente, a menina falou com uma intensidade apaixonada que indicava uma dor oculta, além do que as meras palavras revelavam.

— O isolamento, ou a solidão, é o melhor caminho — mesmo para fins nobres? O melhor para o coração, quero dizer?

— Nem sempre é o melhor para o coração, ou para o “eu inferior”, mas quase sempre é o melhor para o trabalho. Às vezes, para o crescimento mais rico e verdadeiro da alma. Ainda assim, suponho que seja melhor sair do próprio eremitério de vez em quando, acrescentou ela com um sorriso radiante.

— Mas, querida Sra. Morton, e se o eremitério for selado?

— Então, pode-se trabalhar e se desenvolver sem distrações, na plenitude da solidão — e o Fogo divino substituirá a companhia humana.

Quando Marozia voltou para casa após a entrevista com a Sra. Morton, sua mãe a recebeu com uma excitação mal contida.

— O que você acha? — perguntou ela abruptamente. — Claude voltou de Nova York e vai morar na Villa com a Sra. Reed como governanta e Sarah Thomas como assistente. Eu o vi hoje e ele vai reformar o antigo moinho e contratar uma equipe de homens para operá-lo. Ele vai lotear e subdividir toda a terra entre a Vila e o moinho e construir chalés e casas de veraneio. Os planos que ele tem para melhorar esta vila são maravilhosos — e ele tem o dinheiro para realizá-los também. Seu pai confiou todos os seus assuntos por aqui a ele. Ele esteve hoje no antigo moinho com seu capataz, fazendo planos. Ele diz que ainda está esperando pacientemente por você — que nunca desistirá de você.

Marozia se virou involuntariamente, como se esperasse encontrar um rosto moreno e sorridente — um sorriso cínico. Um arrepio emocional a dominou, no qual havia um vislumbre de leveza em um fundo de sombras. A depressão foi subitamente dissipada e o tênue vislumbre se espalhou. O encanto estava retornando e ela foi levada adiante por suas emoções despertando — ou seria alguma força externa que a estava influenciando? Os olhos de Claude Rathburn pareciam queimar sua alma — seu poder era aterrador, mas seu fascínio era irresistível. Foi um grande alívio libertar-se momentaneamente da dor entorpecente que havia paralisado o brilho de seu espírito durante os últimos meses de provação. Para ela e seu pai, aquilo fora uma tragédia. Naquele momento, várias forças pareciam atuar para remover as barreiras entre sua alma e Claude e forçá-la a uma escolha. O rosto de seu pai surgiu de

repente naquela nova luminosidade — sorridente, sereno, livre de preocupações e iluminado pela alegria de uma aspiração realizada, de uma conquista nobre. Uma voz parecia dizer: É isso que você poderia concretizar se fosse menos dominada por sua mentalidade, menos egoísta, menos idealista. Então, uma outra presença interior — que parecia exercer um poder de persuasão — lembrou-lhe de que Claude não estava à sua altura em termos de intelecto ou caráter. Essa presença habitava as profundezas mais recônditas de sua alma, onde a Luz ardia e flamejava em premonição e convicção. Ali, ela sentia a barreira indefinível e perpétua. Ali, as estrelas a haviam proclamado, e ela estava profundamente gravada na intimidade de sua consciência. O veredito era que não havia ponto de encontro possível entre a alma dela e a de Claude — não havia terreno comum. No entanto, contra toda a razão e o bom senso, contra a voz da intuição, ela se deixava levar pelo despertar de suas emoções. Sua alma enfrentava uma crise, e um veredito estranho surgiu em letras de fogo diante de sua consciência que despertava — sua consciência de si mesma. Sua mãe continuava falando, mas ela não ouvira nada até então. Suas últimas palavras chegaram, enfim, aos seus ouvidos:

— Todos acham que você é tola por deixar escapar uma chance dessas... e seu pai pagará o preço pela sua insensatez egoísta.

A resposta de Marozia revelou a notável complexidade de sua natureza:

— Se eu me casar com Claude Rathburn, acabarei morrendo de desgosto... ou me petrificarei. — A Sra. Remington notou, com um triunfo secreto, a mudança na construção da frase: se eu me casar. A esperança cresceu. Ela se animou um pouco ao continuar:

— Tirando o dinheiro, Claude é um partido excelente para você! Você seria a inveja de todas as garotas... e os Watsons morreriam de inveja! — Ao ouvir a menção ao aspecto material, todo o brilho se dissipou e Marozia sentiu uma

onda de revolta. Sua situação pareceu, de repente, sórdida, banal e degradante. A misteriosa exaltação que arrebatara suas emoções dissipou-se diante da sugestão de vantagens mundanas. O materialismo grosseiro da estratégia e dos objetivos de sua mãe causava-lhe repugnância. Até mesmo o rosto de seu pai perdeu a aura de luminosidade emocional e voltou para as sombras, ao lado de seu Ideal; contudo, em meio à dor e à tristeza, ele brilhava com uma luz maravilhosa. Sua voz ganhou um novo tom quando ela voltou a falar:

— “Quando eu me casar, não será para despertar inveja ou ciúme, nem para que alguém construa um lar ou um futuro para mim, mas porque amo o homem por quem ele é”. A jovem falou com fervor apaixonado. Uma agitação nervosa transparecia em seu rosto e em sua voz. Sua alma estava perturbada; era como se fios elétricos vivos estivessem à flor da pele. Ela virou-se rapidamente e despediu-se da mãe às pressas.

O único momento que Marozia tinha para refletir sobre seus problemas e tentar encontrar uma saída para suas dificuldades era quando entrava em seu quartinho espartano, situado sob o telhado inclinado da casa da fazenda onde se hospedava. No final do outono, havia dias de tempo tempestuoso e deprimente, em que a chuva tamborilava tristemente e o vento uivava como espíritos demoníacos. Uma ou duas telhas soltas produziam, de tempos em tempos, batidas inquietantes. Tudo aquilo parecia nu e hediondo à sua sensibilidade artística. O retalho desbotado de tapete de trapos diante da cama de madeira barata — cujo aspecto desajeitado sugeria a necessidade de dossel e sanefas — realçava a feiura grosseira do ambiente. Quando ela chegara ali pela primeira vez, uma névoa cinzenta pairava no ar e as folhas que redemoinhavam sugeriam a morte. Agora, a neve branca acumulava-se no parapeito da janela e o frio era desolador. Ela ouvia a voz da mulher de rosto afilado e temperamento ríspido lá embaixo, bem como a fala arrastada, fraca e insossa do sujeito bronco e simplório que vivia com aquela megera. Ela estremeceu de dor e aversão. Sua Mente estava vivamente alerta, e ela traçava

contrastes nítidos naquele momento. Era um período de reajustes, de encontrar a proporção exata entre pensamento e experiência. Ao concluir essa lição, ela compreenderia o verdadeiro valor de seus ideais. Não haveria sentimentalismo falso nem fantasias visionárias grosseiras. Cada Ideal se destacaria, claro e bem definido, sob a luz branca da verdade.

De repente, surgiu a lembrança de uma noite — deve ter sido há muito tempo — em que olhos maravilhosos, como os de um basilisco, brilharam para ela vindos de uma selva tropical. Ela se sentia compelida por eles — dominada por eles. Parecia ser levada às pressas de uma cena para outra — com aqueles olhos sempre diante de si; eles a perseguiam — ela não conseguia escapar deles e, no entanto, os odiava. À medida que a visão se desenrolava, ela se via tramando uma fuga e, finalmente, um punhal punha fim à luta. Mais uma vez, ela os encarou às margens do Tibre, num palácio suntuoso, e eram olhos de mulher. Eles brilhavam de amor ao encontrar o olhar dela — um amor no qual espreitava uma certa ferocidade. Ainda assim, ela foi cruel, e outra tragédia se seguiu. Muitas cenas passaram diante dela, tendo aqueles olhos como centro. Ela estremeceu e tentou afastar a visão. Então, uma lembrança a fez parar: viu novamente aqueles olhos, como quando a encararam na noite em que ela foi buscar os desenhos, durante sua festa. Sentiu-se fraquejar e, apesar da razão e da força de vontade, percebeu a velha e sutil influência se apoderando dela. Cada vez que essa influência a confrontava, seu poder se intensificava. Os intervalos eram preenchidos por um esforço sincero e determinado para quebrar o feitiço, para se livrar da influência crescente, mas eram como as breves e temporárias calmarias antes de uma tempestade que se avizinha. A emoção — tal como as tempestades físicas — tornava-se cada vez mais avassaladora enquanto acumulava suas forças.

— Por que não consigo esquecê-lo? Eu o desprezo! — ela lamentou, enquanto a nevasca rugia lá fora. Sentia-se tão solitária e miserável, tão faminta por amor humano. Ansiava por ser envolvida, acolhida por um amor humano

grande e caloroso. Por que manter esse conflito perpétuo? Por que não ouvir suas emoções insistentes e seu coração cheio de anseios? Por que não ceder às forças que agiam sobre ela de todos os lados? Por que continuar lutando?

Então, as palavras de seu mestre em Utica lhe vieram à Mente: “Não confie nas emoções”, ele dissera repetidas vezes. “Estamos tão inextricavelmente ligados ao animal que é necessária uma força sobre-humana para romper os laços e nos libertar. No entanto, é preciso fazê-lo se quisermos viver.”.

—Se quisermos viver, ela repetiu. —Sim, deve ser a alma animal que luta em meu interior e pinta imagens tão fascinantes — que atrai, acena e sufoca a Voz interior. Não devo dar ouvidos a isso; devo sofrer, trabalhar e aguardar.

Inconscientemente, as palavras de um belo e antigo hino ecoaram em seu coração cansado:

Célere ao fim declina o breve dia da vida.

Esmaecem as alegrias da terra; suas glórias se vão.

Vejo mudança e declínio em tudo ao redor.

Ó Tu, que não mudas — permanece comigo!

Preciso da Tua presença a cada hora que passa;

O que, senão a Tua graça, pode vencer o poder do tentador?

Quem, senão Tu, pode ser meu guia e amparo?

Entre nuvens e sol, Senhor, permanece comigo!

De repente, elas se integraram à sua consciência e ganharam um novo significado. Sua alma elevou-se a esferas mais altas e ela comungou com o

Invisível. Ele, Aquele que não muda — ‘*que não cochila nem dorme*’² — Ele, a inspiração dos sonhos de meu Pai — a Presença além das estrelas, cujo brilho é a Sua Luz — preciso d’Ele — mais do que nunca, agora! Preciso dessa Presença constante para ir à minha frente por entre os recônditos labirínticos e as encostas áridas — rumo às estrelas!

Então, ela adormeceu, serena como uma criança no colo da mãe.

² N.T.: A expressão "ele nunca dorme nem cochila" (Sl 121:3-4) significa que Deus está constantemente alerta, plenamente consciente e vigiando e protegendo continuamente o Seu povo, sem qualquer interrupção ou fadiga.